

A Tarde  
data: 16/03/2014  
pg B2

NO PRÓXIMO DIA 1º DE ABRIL, ANIVERSÁRIO DE 50 ANOS DO GOLPE DE 1964, UM ATO ORGANIZADO PELO COMITÊ BAIANO DA COMISSÃO DA VERDADE REUNIRÁ NO FORTE DO BARBALHO PESSOAS QUE LÁ ESTIVERAM DETIDAS, MUITAS DELAS TORTURADAS DURANTE A DITADURA. SERÁ UM SOFRIDO, MAS NECESSÁRIO, RETORNO AO PERÍODO DE SOMBRAS.

*Forte do Barbalho:  
símbolo do terror*

**Emiliano José**  
ex-presos político, jornalista e escritor

## FORTE DO BARBALHO FOI O PRINCIPAL CENTRO DE TORTURA NA BAHIA

**RODRIGO AGUIAR**

A placa na entrada informa que a edificação foi construída por Luiz Barbalho, em 1638, e entregue ao 7º Batalhão de Polícia Militar em 18 de maio de 1982, pelo então governador da Bahia, Antonio Carlos Magalhães.

Não há, porém, qualquer referência ao fato de o Forte do Barbalho ter sido o maior centro de tortura de presos políticos do estado durante a ditadura militar.

No dia 1º de abril, aniversário de 50 anos do golpe de 1964, ato organizado pelo Comitê Baiano da Comissão da Verdade reunirá no local pessoas que lá estiveram detidas, muitas delas torturadas.

Integrante da organização Ação Popular, grupo que chegou a promover a luta armada durante a ditadura, o escritor e jornalista Emiliano José foi um dos muitos que passaram pelo forte. Ficou preso no local entre novembro de 1970 e janeiro de 1971, quando foi mandado para a galeria F da penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, onde ficou por quase quatro anos.

Emiliano afirma que foi torturado assim que chegou ao centro de detenção, vendido. "Porrada de mão e barra de ferro. Depois, afogamento no tanque. Em seguida, pau de arara. Fui levado de volta para a cela na maca", relata.

**Barbárie**

"Aquilo é um calabouço, o Forte do Barbalho", define o jornalista Sebastião Nery, 20

misturar as palavras Barbalho e bárbaro. Deputado estadual em 1964, se posicionou contra o golpe e foi preso. Ficou no Forte do Barbalho de abril a maio daquele ano. Chegou a passar 28 dias na solitária. "Não podíamos dormir nem em cima de papel de jornal. Tinha que ser no chão molhado. O forte era usado como depósito de gasolina do Exército, então pingava um óleo pelo chão. Parecia curral de bezerro; era uma água melada", relata.

Nery não foi torturado no

local, mas lembra dos gritos que ouvia. "Uma vez, pegaram na rodoviária um rapaz que não queria servir e torturaram a noite toda", afirma o ex-parlamentar, que teve o mandato cassado.

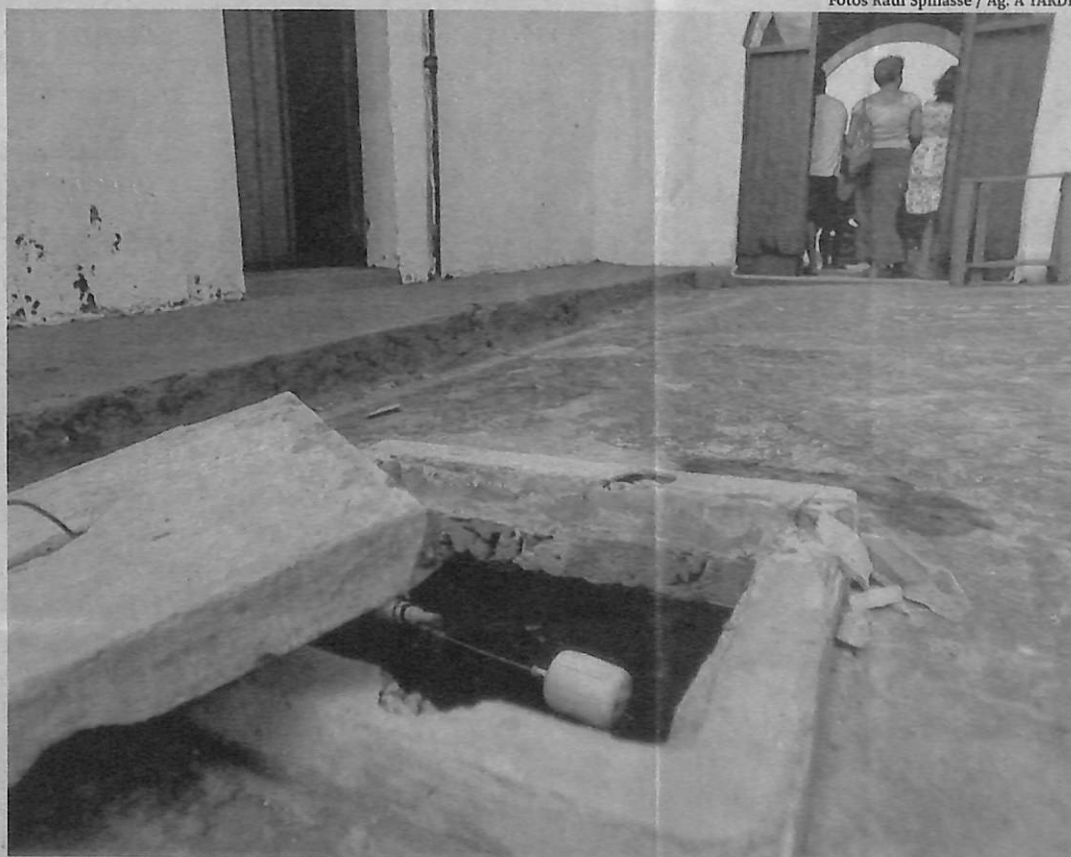
A Assembleia Legislativa da Bahia realizará no dia 31 de março uma sessão especial de devolução do mandato de 13 cassados pelo regime.

Militante do PCdoB à época, o advogado Ruy Medeiros foi preso no dia 25 de maio de 1973, em Vitória da Conquista, onde era procurador do município.

Levado para a capital, ficou preso no Forte do Barbalho. "Não tomávamos banho e não tinha sanitário. Apenas uma lata que era substituída a cada três ou quatro dias", conta. Medeiros diz que sofreu torturas por cerca de 15 dias, em dias intercalados. "Às vezes, a gente perdia até a noção do tempo", afirma o advogado, que mora em Conquista.

LEIA SOBRE O GOLPE MILITAR NA SÉRIE QUE O CADERNO 2+ PUBLICA DE AMANHÃ ATÉ SÁBADO

Fotos Raul Spinassé / Ag. A TARDE



Presos eram submetidos no forte a torturas como sessões de afogamento no tanque

O Forte do Barbalho tornou-se, durante a ditadura iniciada em 1º de abril de 1964, o principal centro de tortura na Bahia. Dava-se, primeiro a céu aberto, porrada pura, afogamento, desvario de quem bate sem critério, com gosto e deleite, e embora o saiba por ter experimentado isso na própria carne, foi mais ou menos assim que procediam com todos, malgrado variações.

Subíamos a ladeira em direção à sala de comando assim: apanhando. Depois e óbvio, nus, éramos introduzidos na saleta do comandante da Polícia do Exército (PE), o então capitão Heme-tério Chaves Filho, torturador de elevado nível de sadismo. E aí então, pau-de-arara e choque elétrico, e gritos, e ameaças, e o terror, e que cada um de nós enfrentasse os monstros do jeito que pudes-se. Falo do final de 1970, mas isso vem desde 1964, de diferentes maneiras.

Ficávamos em celas medievais – e elas ainda estão lá para quem quiser conferir –, onde não existia qualquer espécie de sanitário. Nossas fezes e nossa urina eram acondicionadas numa lata de 20 litros, cujo conteúdo era carregado por um de nós para o banheiro sob a mira de metralhadoras.

O governo da Bahia sabe da importância de não deixar apagados os rastros de sangue criados pela ditadura. O Forte do Barbalho é um documento vivo da barbárie. Deve ser tombado para que jamais nos esqueçamos desse tempo de terror e de sombras. E para que ele nunca mais se repita.

**Deve ser tombado para que jamais nos esqueçamos desse tempo de terror e sombras**

# FORTE DO BARBALHO FOI O PRINCIPAL CENTRO DE TORTURA NA BAHIA

RODRIGO AGUIAR

A placa na entrada informa que a edificação foi construída por Luiz Barbalho, em 1638, e entregue ao 7º Batalhão de Polícia Militar em 18 de maio de 1982, pelo então governador da Bahia, Antonio Carlos Magalhães.

Não há, porém, qualquer referência ao fato de o Forte do Barbalho ter sido o maior centro de tortura de presos políticos do estado durante a ditadura militar.

No dia 1º de abril, aniversário de 50 anos do golpe de 1964, ato organizado pelo Comitê Baiano da Comissão da Verdade reunirá no local pessoas que lá estiveram detidas, muitas delas torturadas.

Integrante da organização Ação Popular, grupo que chegou a promover a luta armada durante a ditadura, o escritor e jornalista Emiliano José foi um dos muitos que passaram pelo forte. Ficou preso no local entre novembro de 1970 e janeiro de 1971, quando foi mandado para a galeria F da penitenciária Lemos de Brito, em Salvador, onde ficou por quase quatro anos.

Emiliano afirma que foi torturado assim que chegou ao centro de detenção, vendado. "Porrada de mão e barra de ferro. Depois, afogamento no tanque. Em seguida, pau de arara. Fui levado de volta para a cela na maca", relata.

**Barbárie**

"Aquilo é um calabouço, o Forte do Barbalho", define o jornalista Sebastião Nery, ao

misturar as palavras Barbalho e bárbaro. Deputado estadual em 1964, se posicionou contra o golpe e foi preso. Ficou no Forte do Barbalho de abril a maio daquele ano. Chegou a passar 28 dias na solitária. "Não podíamos dormir nem em cima de papel de jornal. Tinha que ser no chão molhado. O forte era usado como depósito de gasolina do Exército, então pingava um óleo pelo chão. Parecia curral de bezerro; era uma água melada", relata.

Nery não foi torturado no

local, mas lembra dos gritos que ouvia. "Uma vez, pegaram na rodoviária um rapaz que não queria servir e torturaram a noite toda", afirma o ex-parlamentar, que teve o mandato cassado.

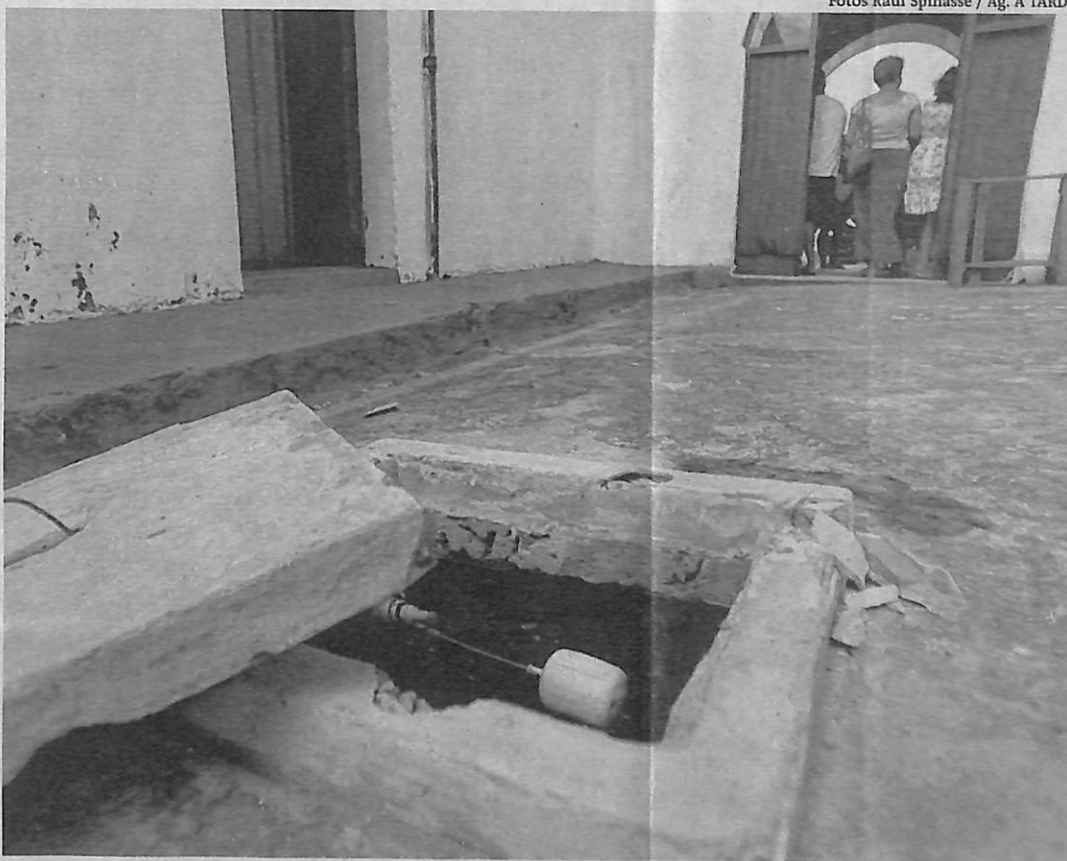
A Assembleia Legislativa da Bahia realizará no dia 31 de março uma sessão especial de devolução do mandato de 13 cassados pelo regime.

Militante do PCdoB à época, o advogado Ruy Medeiros foi preso no dia 25 de maio de 1973, em Vitória da Conquista, onde era procurador do município.

Levado para a capital, ficou preso no Forte do Barbalho. "Não tomávamos banho e não tinha sanitário. Apenas uma lata que era substituída a cada três ou quatro dias", conta. Medeiros diz que sofreu torturas por cerca de 15 dias, em dias intercalados. "Às vezes, a gente perdia até a noção do tempo", afirma o advogado, que mora em Conquista.

LEIA SOBRE O GOLPE MILITAR NA  
SÉRIE QUE O CADERNO 2+ PUBLICA  
DE AMANHÃ ATÉ SÁBADO

Fotos Raul Spinassé / Ag. A TARDE



Presos eram submetidos no forte a torturas como sessões de afogamento no tanque

O Forte do Barbalho tornou-se, durante a ditadura iniciada em 1º de abril de 1964, o principal centro de tortura na Bahia. Dava-se, primeiro a céu aberto, porrada pura, afogamento, desvario de quem bate sem critério, com gosto e deleite, e embora o saiba por ter experimentado isso na própria carne, foi mais ou menos assim que procediam com todos, malgrado variações.

Subíamos a ladeira em direção à sala de comando assim: apanhando. Depois e óbvio, nus, éramos introduzidos na saleta do comandante da Polícia do Exército (PE), o então capitão Heme-tério Chaves Filho, torturador de elevado nível de sadismo. E aí então, pau-de-arara e choque elétrico, e gritos, e ameaças, e o terror, e que cada um de nós enfrentasse os monstros do jeito que pudes-se. Falo do final de 1970, mas isso vem desde 1964, de diferentes maneiras.

Ficávamos em celas medievais – e elas ainda estão lá para quem quiser conferir –, onde não existia qualquer espécie de sanitário. Nossas fezes e nossa urina eram acondicionadas numa lata de 20 litros, cujo conteúdo era carregado por um de nós para o banheiro sob a mira de metralhadoras.

O governo da Bahia sabe da importância de não deixar apagados os rastros de sangue criados pela ditadura. O Forte do Barbalho é um documento vivo da barbárie. Deve ser tombado para que jamais nos esqueçamos desse tempo de terror e de sombras. E para que ele nunca mais se repita.

**Deve ser tombado para que jamais nos esqueçamos desse tempo de terror e sombras**

## Espaço vai ser 'centro de resistência do povo baiano'

Uma placa com os dizeres "Viva a liberdade; centro de resistência do povo da Bahia", será colocada na entrada do Forte do Barbalho no próximo dia 1º de abril, informa o cientista político e sociólogo Joviniano Neto, do grupo Tortura Nunca Mais na Bahia.

Ele explica que a referência não se limita ao regime de 64, já que a construção foi utilizada em outros períodos como centro de detenção de pre-

sos políticos. "Já temos uma lista com 52 nomes para colocar na placa, mas estamos levantando até o dia 20", diz Joviniano.

Atualmente, o forte, de propriedade da União, é administrado pela Secretaria Estadual de Cultura (Secult). A partir de abril, o escritório Bahia Criativa fornecerá no local serviços de consultoria, cursos e formação para empreendimentos criativos.

## Moradores dizem que Exército dava "segurança"

Mesmo com a história do Forte do Barbalho ligada a torturas e prisões durante a ditadura militar, moradores antigos do bairro lamentam que o Exército não esteja mais presente no local e reclamam da criminalidade na área.

"Antigamente, a morada aqui era espetacular. Não tinha ladrão", diz Nilson Sampaio, 77 anos, cuja casa fica a poucos metros de um dos muros do forte. "Quando era

quartel do Exército, ninguém encostava", afirma Eliane Ferreira, 54 anos.

Apenas um dos moradores da região ouvidos por A TARDE diz se lembrar de gritos que pareciam vir da construção militar.

Cláudio Alonso, 66 anos, relata ainda ter visto uma tentativa de fuga de um preso político. Ainda assim, reconhece sentir "saudades da época do Exército".



Espaço deve abrigar memorial